

DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229v33n4e29468>

O ensino e a aprendizagem da letra cursiva: distanciamentos e aproximações entre pesquisas brasileiras e portuguesas¹

Teaching and learning cursive writing: differences and similarities between brazilian and portuguese research

La enseñanza y el aprendizaje de la letra cursiva: distancias y similitudes entre las investigaciones brasileñas y portuguesas

Alice Jorge da Cruz

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4366-7884>

Maria Iolanda Monteiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4534-1437>

Resumo: Este artigo tem como tema o ensino e a aprendizagem da letra cursiva em pesquisas brasileiras e portuguesas e parte do seguinte questionamento: quais são os distanciamentos e as aproximações acerca do processo de ensino e de aprendizagem da letra cursiva apresentados em pesquisas do Brasil e de Portugal? Nesse sentido, objetiva-se analisar, por meio de uma revisão bibliográfica realizada em diferentes bases de dados, o ensino e a aprendizagem da letra cursiva em pesquisas brasileiras e portuguesas, evidenciando os distanciamentos e as aproximações relacionados à sua importância, às dificuldades e às estratégias metodológicas no processo de alfabetização. Considerando a ligação histórica entre os dois países, defende-se que a promoção de diálogos sobre aspectos ligados à alfabetização, como a letra cursiva, pode, em ambos os cenários, enriquecer o debate e o repertório de docentes alfabetizadores. Para a análise do conteúdo das 18 pesquisas selecionadas, publicadas entre 2010 e 2023, foram delimitados três eixos: (1) as dificuldades enfrentadas por professores e estudantes, (2) a importância atribuída à letra cursiva e (3) as estratégias metodológicas utilizadas. A discussão fundamenta-se em algumas contribuições sobre a linguagem escrita de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, Lev Vygotsky, Magda Soares e Maria Iolanda Monteiro. Os resultados evidenciam a complementaridade entre as produções dos dois países e a possibilidade de novos estudos conjuntos entre pesquisadores brasileiros e portugueses.

Palavras-chave: letra cursiva; alfabetização; ensino e aprendizagem; Brasil; Portugal.

Abstract: This article focuses on the teaching and learning of cursive writing in Brazilian and Portuguese research and is based on the following question: What differences and similarities in the teaching and learning of cursive writing are evident in research from Brazil and Portugal? To this end, the objective is to analyze, through a literature review conducted across various databases, the teaching and learning of cursive writing in Brazilian and Portuguese research, highlighting the differences and similarities related to its importance, the challenges involved, and the methodological strategies used in the literacy process. Given the historical ties between the two countries, this study argues that fostering dialogue

¹ Este artigo foi produzido com base em uma pesquisa que recebeu financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2024/09283-0.



Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

on aspects related to literacy — such as cursive writing — can enrich the debate and expand the repertoire of literacy educators in both contexts. To analyze the content of the 18 selected studies, published between 2010 and 2023, three main themes were identified: (1) the difficulties faced by teachers and students, (2) the importance attributed to cursive writing, and (3) the methodological strategies employed. The discussion is grounded in selected contributions on written language by Emilia Ferreiro and Ana Teberosky, Lev Vygotsky, Magda Soares and Maria Iolanda Monteiro. The results highlight the complementarity between the research conducted in the two countries and the potential for new joint studies between Brazilian and Portuguese researchers.

Keywords: cursive writing; literacy; teaching and learning; Brazil; Portugal.

Resumen: Este artículo trata sobre la enseñanza y el aprendizaje de la letra cursiva en investigaciones brasileñas y portuguesas, y parte de la siguiente pregunta: ¿cuáles son las diferencias y similitudes en cuanto al proceso de enseñanza y aprendizaje de la letra cursiva que se presentan en las investigaciones de Brasil y Portugal? En este sentido, el objetivo es analizar, mediante una revisión bibliográfica realizada en diferentes bases de datos, la enseñanza y el aprendizaje de la letra cursiva en investigaciones brasileñas y portuguesas, poniendo de manifiesto las diferencias y similitudes relacionadas con su importancia, las dificultades y las estrategias metodológicas en el proceso de alfabetización. Teniendo en cuenta el vínculo histórico entre ambos países, se sostiene que el fomento del diálogo sobre aspectos relacionados con la alfabetización, como la letra cursiva, puede, en ambos contextos, enriquecer el debate y el repertorio de los docentes de alfabetización. Para el análisis del contenido de las 18 investigaciones seleccionadas, publicadas entre 2010 y 2023, se definieron tres ejes: (1) las dificultades a las que se enfrentan profesores y alumnos, (2) la importancia que se atribuye a la letra cursiva y (3) las estrategias metodológicas utilizadas. El debate se basa en algunas aportaciones sobre el lenguaje escrito de Emilia Ferreiro y Ana Teberosky, Lev Vygotsky, Magda Soares y Maria Iolanda Monteiro. Los resultados ponen de manifiesto la complementariedad entre las investigaciones de ambos países y la posibilidad de llevar a cabo nuevos estudios conjuntos entre investigadores brasileños y portugueses.

Palabras clave: letra cursiva; alfabetización; enseñanza y aprendizaje; Brasil; Portugal.

1 Introdução

A partir de um resgate histórico do processo de alfabetização no Brasil, é possível perceber que esse processo se deu vinculado às práticas escolares portuguesas, em grande medida, por influência das raízes de sua colonização. A chegada de Portugal às terras brasileiras, no século XV, representou a substituição da cultura ágrafa dos povos nativos pela grafocêntrica, caracterizada pela utilização de um sistema de escrita, sendo criadas, no período colonial, as primeiras escolas de Ler, Escrever e Contar pela Companhia de Jesus (Paiva, 2000).

Sem descartar a pluralidade de culturas que incidiram sobre o país, ao caracterizar as práticas de leitura e escrita empreendidas no Brasil desde a colonização portuguesa até a época mais recente, observa-se que, ao mesmo tempo que algumas tendências foram superadas gradualmente, outras continuam como parte da tradição escolar (Monteiro, 2010). Contudo, tais tendências necessitam ser constantemente revistas para que possam responder às novas demandas sociais e às discussões pedagógicas construídas em cada momento e contexto.

Entre os elementos que compõem a tradição escolar e de alfabetização no Brasil, encontra-se a letra cursiva. Ao analisarem cadernos escolares produzidos entre 1937 e 2015, os estudos de Silveira (2019; 2022) mostram que essa prática permaneceu presente ao longo do tempo. Apesar das diferentes orientações teóricas e políticas de alfabetização, a escrita cursiva manteve-se presente no cotidiano escolar e nas práticas docentes (Silveira, 2019).

Se a letra cursiva aparenta dispor de certo espaço nas práticas escolares, por outro lado, a quantidade de pesquisas que a assumem como foco ainda é escassa, principalmente quando se busca identificar as pesquisas qualificadas no âmbito científico. Outrossim, nas disponíveis, não raramente são feitas menções a dúvidas e preocupações de professores alfabetizadores (Brito, 2013; Cargnin; Silva, 2020; Schwabe; Lottermann, 2021) sobre como, quando e por que ainda ensinar e aprender esse tipo de letra.

Nos últimos anos, têm sido divulgadas notícias sobre o retorno da escrita manual em currículos escolares, como no estado da Califórnia, motivado por estudos que evidenciam seus benefícios motores e cognitivos. Nesse contexto, destaca-se que, na Europa Ocidental, incluindo Portugal, a letra cursiva continua sendo amplamente ensinada (BBC News, 2024).

No Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) cita a letra cursiva como parte do processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental (Brasil, 2018). Em Portugal, nas Aprendizagens Essenciais de Português, sua presença é prevista no primeiro ciclo (Portugal, 2018). Ambos os documentos que são referências oficiais para as práticas nas escolas respaldam a ideia de que a discussão da letra cursiva não pode ser ignorada. Além disso, pesquisas no campo da neurociência têm reforçado a atualidade desse debate ao evidenciarem que a escrita manual e, mais especificamente, a letra cursiva mobilizam padrões específicos de ativação cerebral relacionados ao desenvolvimento da linguagem, da leitura e da memória, distinguindo-se, por exemplo, da escrita digital (BBC News, 2024; James; Engelhardt, 2012).

Tomando como referência o trabalho de Oliveira (2014), que reúne temáticas importantes que permeiam o cenário da alfabetização no Brasil e em Portugal, defende-se que promover o diálogo entre os dois países acerca da letra cursiva pode ser uma alternativa para o enriquecimento desse debate e do repertório dos

alfabetizadores. Assim, este artigo orienta-se pela seguinte questão: quais distanciamentos e aproximações acerca do processo de ensino e de aprendizagem da letra cursiva se apresentam em pesquisas do Brasil e de Portugal?

Desse modo, objetiva-se analisar o ensino e a aprendizagem da letra cursiva em pesquisas brasileiras e portuguesas, evidenciando os distanciamentos e as aproximações relacionados à sua importância, às dificuldades e às estratégias metodológicas no processo de alfabetização. Para tanto, procedeu-se à realização de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza básica e bibliográfica quanto aos procedimentos (Gil, 2010). A revisão bibliográfica (Gil, 2008) foi conduzida em diferentes bases de dados por meio da qual foi possível reunir um conjunto de 18 pesquisas publicadas entre 2010 e 2023, caracterizá-las quanto aos seus aspectos gerais, bem como analisar seus conteúdos tendo em vista três eixos sobre o ensino e a aprendizagem da letra cursiva no processo de alfabetização: (1) as dificuldades enfrentadas por professores e estudantes, (2) a importância a ela atribuída e (3) as estratégias metodológicas utilizadas.

A fim de fundamentar o desenvolvimento da discussão, foram cotejadas contribuições de Vygotsky (1991); Ferreira e Teberosky (1985), Soares (1998; 2002; 2012; 2015) e Monteiro (2010). Levando-se em conta que a questão da letra cursiva está articulada à prática escrita de maneira mais ampla e aos processos de alfabetização e letramento, esses autores oferecem suporte teórico às reflexões desenvolvidas.

Este artigo está estruturado em cinco seções: na primeira, que corresponde a esta introdução, são apresentados o tema, a justificativa, a questão norteadora, o objetivo, a metodologia adotada e o referencial teórico da pesquisa. Na segunda, é detalhado o percurso metodológico até a obtenção das pesquisas brasileiras e portuguesas, trazendo um panorama geral sobre suas características e culminando na delimitação dos três eixos de análise relacionados aos seus conteúdos. A terceira seção discute o eixo de análise sobre as dificuldades no ensino e na aprendizagem da letra cursiva. A quarta seção é reservada à discussão dos eixos de análise sobre a importância atribuída à letra cursiva, bem como das estratégias metodológicas utilizadas para o seu ensino e a sua aprendizagem. Na quinta seção, são registradas as considerações finais da pesquisa.

2 Um panorama geral das pesquisas brasileiras e portuguesas sobre a letra cursiva

O levantamento das pesquisas brasileiras ocorreu nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO)², Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)³, Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)⁴ e *Google Acadêmico*⁵. Em cada base foram inseridos os descritores “letra cursiva” e, depois, “escrita cursiva”, cujo quantitativo de resultados é apresentado na tabela seguinte.

Tabela 1 – Relação de bases de dados e resultados

Base de dados	Resultados letra cursiva	Resultados escrita cursiva
SciELO	5	5
BDTD	22	27
CAPES	25	21
Google Acadêmico	20	27
Total de pesquisas	72	80

Fonte: as autoras (2025).

Conforme a Tabela 1, as buscas com o descritor “letra cursiva” localizaram 72 produções e com o descritor “escrita cursiva” 80 produções. Para a seleção, foram adotados como critérios de inclusão pesquisas de acesso aberto, classificadas como artigos, teses ou dissertações, escritas em língua portuguesa, produzidas no Brasil, vinculadas à área da educação e que possibilitaram a identificação, pela leitura de seus títulos e resumos, da abordagem da letra cursiva — ou de termos associados, como letra manuscrita e escrita à mão — no âmbito de seu ensino e de sua aprendizagem no processo de alfabetização. Nesse sentido, 10 pesquisas foram reservadas para estudo, cujas informações principais estão sistematizadas no quadro a seguir.

² Scientific Electronic Library Online. Disponível em: <https://www.scielo.br/>.

³ Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>.

⁴ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/>.

⁵ Disponível em: <https://scholar.google.com.br/?hl=p>.

Quadro 1 – Pesquisas brasileiras selecionadas para estudo sobre a letra cursiva no processo de alfabetização

Título	Origem/tipo	Autor(es)/ano
Uma tipologia das letras usadas na fase inicial da escolarização no Rio Grande do Sul em cadernos escolares de alunos (1937-2015)	Revista Brasileira de História da Educação (artigo)	Alessandra Amaral da Silveira (2022)
O uso de diferentes modelos de letras manuscritas em atividades de alfabetização: uma análise de cadernos utilizados entre as décadas de 1990 e 2010	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (dissertação de mestrado)	Aliene Pinto da Rosa (2023)
Uma tipologia das letras usadas na fase inicial da escolarização no Rio Grande do Sul: a cultura gráfica escolar a partir de cadernos de alunos (1937-2015)	Universidade Federal de Pelotas (tese de doutorado)	Alessandra Amaral da Silveira (2019)
Das ortopedias (cali)gráficas: um estudo sobre modos de disciplinamento e normalização da escrita	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (dissertação de mestrado)	Patricia Camini (2010)
Processos de ensino e aprendizagem (ou não) da letra cursiva no contexto escolar	Revista de Estudos Acadêmicos de Letras (artigo)	Vanessa Rafaela Trierweiler Cargnin; Veronice Camargo da Silva (2020)
BNCC e escrita cursiva: um estudo sobre as percepções dos professores da rede municipal de Lajeado - RS	Revista Thema (artigo)	Cláudia Redecker Schwabe; Anastácia Lottermann (2021)
Novos modos de escrita: alfabetização sem escrita cursiva	Revista Leia Escola (artigo)	Sinval Martins de Sousa Filho; Pedro Henrique da Silva (2020)
Design na Educação: uma estratégia para a escrita manual cursiva na era dos nativos digitais	Revista Projetica (artigo)	Juliana Oliveira Guimarães; Sérgio Antônio Silva (2017)
Design e Educação: uma estratégia interdisciplinar para a escrita manual cursiva na era dos nativos digitais	12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design (artigo)	Juliana Oliveira Guimarães; Sérgio Antônio Silva (2016)
Reflexões acerca do ensino da letra cursiva em uma escola pública de Porto Alegre	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (artigo)	Aline Araujo Brito (2013)

Fonte: as autoras (2025).

Com base no Quadro 1, observa-se que as pesquisas estão situadas no período de 2010 a 2023. Foram selecionados sete artigos, duas dissertações de mestrado e uma tese de doutorado. Além disso, destacam-se pesquisas desenvolvidas em universidades do estado do Rio Grande do Sul.

O levantamento das pesquisas portuguesas sobre a letra cursiva foi realizado nos Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP)⁶. Inicialmente, a busca foi realizada no diretório “Universidade” e abrangeu 23 repositórios de universidades e institutos portugueses. Foram utilizados, separadamente, os descritores “letra cursiva” e “escrita cursiva”.

Nos repositórios que apresentaram muitos resultados, realizou-se um refinamento das buscas por meio dos filtros disponíveis. Foram selecionados os departamentos e faculdades vinculados às Ciências Humanas e Sociais das universidades e institutos consultados. Optou-se também pelos assuntos Ciências da Educação, Ensino Básico – 1º Ciclo e Escrita.

As buscas pelos descritores “letra cursiva” e “escrita cursiva” nos repositórios das universidades e institutos portugueses totalizou 1.020 e 1.302 resultados, respectivamente. Os maiores quantitativos foram identificados na Universidade de Lisboa (308 e 413 resultados), seguida da Universidade Nova de Lisboa (226 e 252), da Universidade Atlântica (106 e 224) e da Universidade de Coimbra (165 e 157). Também se destacaram a Universidade de Aveiro (27 e 68), a Universidade do Minho (39 e 28), a Universidade Aberta (24 e 27), a Universidade do Porto (18 e 21), a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (19 e 14), a Universidade da Beira Interior (25 e 15), a Universidade Católica Portuguesa (11 e 29), o Instituto Universitário de Lisboa (11 e 15), o ISPA – Instituto Universitário (12 e 15) e a Universidade do Algarve (11 e 11).

Com menor número de ocorrências, destacaram-se a Universidade Fernando Pessoa (4 e 5 resultados), a Universidade dos Açores (3 e 4), a Universidade da Madeira (2 e 3) e a Universidade Portucalense (2 e 1). Já a Universidade Autónoma de Lisboa, a Universidade Lusíada, a Universidade Lusófona, a Universidade de Évora e a Universidade Europeia não apresentaram resultados para nenhum dos descritores pesquisados.

Para a seleção, adotaram-se critérios de inclusão semelhantes aos utilizados nas pesquisas brasileiras: pesquisas de acesso aberto, classificadas como artigos, teses ou dissertações, em língua portuguesa, vinculada à área da educação e que possibilitaram a identificação, pela leitura de seus títulos e resumos, da abordagem

⁶ Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal. Disponível em: <https://www.rcaap.pt/>.

da letra cursiva — ou de termos associados, como letra manuscrita e escrita à mão — no âmbito de seu ensino e de sua aprendizagem no processo de alfabetização. A única diferenciação no critério foi considerar apenas pesquisas produzidas em Portugal, o que resultou na escolha de quatro pesquisas.

Em um segundo momento, na tentativa de ampliar os resultados, os mesmos dois descritores foram inseridos na barra de busca da página inicial do RCAAP, que abarca todos os documentos indexados. Com isso, foram localizados oito novos resultados para “letra cursiva” e 20 para “escrita cursiva”. Aplicando os mesmos critérios de inclusão e excluindo produções repetidas ou já selecionadas, foram escolhidas quatro novas pesquisas. Foi obtido um conjunto de oito trabalhos acadêmicos portugueses para estudo. As informações principais de cada um deles estão sistematizadas no seguinte quadro.

Quadro 2 – Pesquisas portuguesas selecionadas para estudo sobre a letra cursiva no processo de alfabetização

Título	Origem/ tipo	Autor(es)/ ano
A escrita cursiva itálica no ensino/aprendizagem de português no 1º ciclo do ensino básico	Universidade de Lisboa (dissertação de mestrado)	Mariana de Loureiro Henriques (2021)
Escrita à mão aplicada em livros infantis: Legibilidade e leiturabilidade	Universidade do Algarve (dissertação de mestrado)	Célia Isabel Tamissa Serra (2023)
Estabilidade gráfica das produções escritas e conceptualizações infantis sobre a linguagem escrita: Escrita cursiva e escrita a computador	Instituto Universitário (artigo)	Tiago Almeida; Ana Cristina Silva (2017)
Práticas pedagógicas e dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita nos primeiros anos do ensino básico	Instituto Universitário (dissertação de mestrado)	Carolina Costa Varela (2023)
O contributo do domínio psicomotor para as aprendizagens iniciais da leitura e escrita	Universidade Católica Portuguesa (dissertação de mestrado)	Joana Filipa Lopes Fidalgo dos Santos (2014)
Abordagem à Escrita no Pré-Escolar: Recomendações da Literatura quanto à Letra Cursiva e Impressa	Escola Superior de Educação de Fafe (relatório final de mestrado)	Mariana de Afonseca Guimarães (2017)
Efeito de Constrangimentos Espaciais na Escrita Cursiva de Crianças Sinistrómanas do 1º Ciclo: Uma Análise Qualitativa	Instituto Politécnico de Santarém (artigo)	David Catela; Marco Branco; Ana Paula Seabra; Gonçalo Gomes; Daniel Ferreira (2019)

Problemas na escrita cursiva no 1º ciclo do ensino básico: efeito de um plano de estimulação perceptivo-motora	Instituto Politécnico de Santarém (artigo)	Ana Chambel; David Catela (2020)
--	--	----------------------------------

Fonte: as autoras (2025).

As produções distribuem-se entre 2014 e 2023. O material reúne cinco trabalhos de mestrado e três artigos. O Instituto Politécnico de Santarém e o Instituto Universitário foram as instituições com maior número de pesquisas sobre a letra cursiva.

Após o levantamento das 18 pesquisas, foi realizado o fichamento individual de cada trabalho. Além das informações reunidas nos Quadros 1 e 2, compararam-se alguns aspectos gerais das produções brasileiras e portuguesas. Os resultados dessa comparação encontram-se no quadro a seguir.

Quadro 3 – Comparação de aspectos gerais entre as pesquisas brasileiras e portuguesas

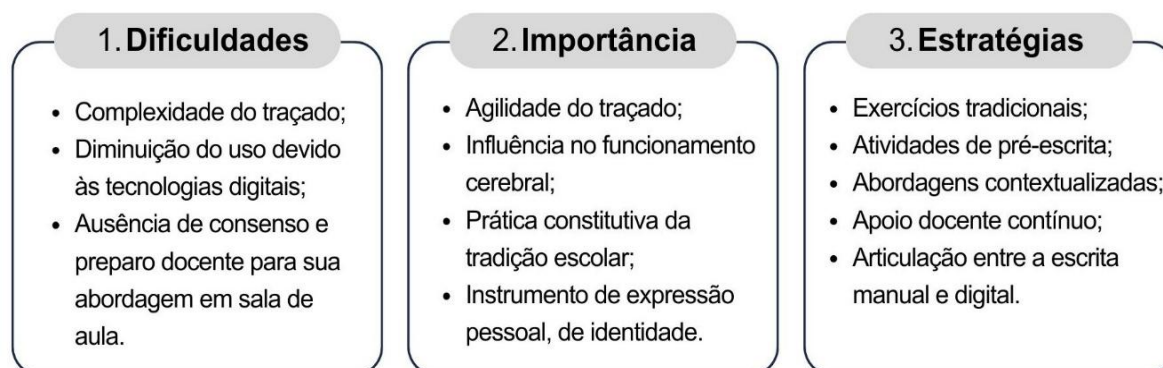
Aspecto comparado	Brasil	Portugal
Resultados pela busca com os descritores “letra cursiva” e “escrita cursiva”	Menor número de resultados e maior número de pesquisas que atenderam aos critérios de inclusão (10).	Maior número de resultados e menor número de pesquisas que atenderam aos critérios de inclusão (8).
Tipo de produção	Predomínio de artigos (7).	Predomínio de trabalhos em nível de mestrado (5). *Maior rigorosidade.
Recorte temporal	2010-2023	2014-2023
Palavras-chave	Mais frequentes: “letra cursiva” (9); “alfabetização” (5) e “escrita” (5). Menos frequentes: “obrigatoriedade” e “letra imprensa maiúscula”. *Sugere estreita relação da cursiva com os debates sobre alfabetização e cultura escrita.	Mais frequentes: “escrita cursiva” (3) e “caligrafia” (3). Menos frequentes: “integração ortográfico-motora” e “competência psicomotora”. *Sugere associação da cursiva a uma habilidade gráfica.
Metodologia	Maior número de pesquisas documentais (4). Menor número de pesquisas de campo (3) e pesquisas bibliográficas (3).	Maior número de pesquisas de campo (5). Menor número de pesquisas bibliográficas (3), duas delas combinadas com pesquisa de campo. Nenhuma pesquisa documental (0).
	Emilia Ferreiro e Ana Teberosky com maior destaque. Alguns mais recorrentes: Magda	Emilia Ferreiro e Ana Teberosky com maior destaque.

Autores mais mobilizados para discutir alfabetização e/ou cultura escrita	Soares; Roger Chartier; Patricia Camini. Predomínio de autores nacionais.	Alguns mais recorrentes: Steve Graham; Virginia Berninger; Magda Soares. Predomínio de autores internacionais ligados à psicologia cognitiva, psicomotricidade e neurociência.
---	--	---

Fonte: as autoras (2025).

Além da comparação dos aspectos gerais das pesquisas, também foram analisados os conteúdos abordados nos 18 trabalhos levantados. Para essa etapa, definiram-se três eixos de análise. A organização desses eixos considerou o foco da pesquisa no ensino e na aprendizagem da letra cursiva no processo de alfabetização. Os eixos e os principais pontos identificados durante a leitura das pesquisas relativos a cada um deles podem ser visualizados na seguinte figura.

Figura 1 – Eixos de análise e principais pontos identificados nas pesquisas do Brasil e de Portugal



Fonte: as autoras (2025).

A seguir, são discutidos os três eixos de análise delimitados, buscando evidenciar distanciamentos e aproximações entre pesquisas brasileiras e portuguesas. Essa discussão é conduzida por meio do cotejamento dos dados das pesquisas com as contribuições dos autores que constituíram o referencial teórico do estudo.

3 Dificuldades no ensino e na aprendizagem da letra cursiva versus importância atribuída

No contexto brasileiro, produções (Brito, 2013; Rosa, 2023) apontam que a execução do traçado cursivo é um desafio para muitos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, gerando sentimentos de inseguranças e incapacidade. A letra

cursiva é caracterizada como uma atividade mais trabalhosa, que exige habilidades específicas, sendo a letra imprensa maiúscula tida como mais simples de ler e escrever pelas crianças, visto que envolve um menor controle e uma menor tensão muscular (Silveira, 2022). É mencionada a dificuldade dos alunos na passagem da imprensa para a cursiva e na adaptação às suas particularidades, o que pode prejudicar o rendimento da aprendizagem (Silveira, 2019; 2022).

Em Portugal, a complexidade do traçado cursivo é também destacada como algo que exige maior atenção, esforço, controle visual e balístico diante de seus movimentos contínuos, como laços, argolas e arcos (Catela *et al.*, 2019; Varela, 2023). Entre as dificuldades identificadas em alunos do 1º ciclo, destacam-se megalografia, inconstância espacial, trocas e omissões de letras, ilegibilidade e imprecisão no traçado, frequentemente associadas a limitações na motricidade fina e ao manuseio inadequado do lápis (Chambel; Catela, 2020; Santos, 2014). Também se aponta que a omissão das ligaduras entre as letras dificulta a pronúncia correta das palavras, sendo a letra imprensa percebida novamente como mais familiar às crianças devido à sua maior presença no cotidiano, o que torna a transição para a letra cursiva um desafio (Almeida; Silva, 2017; Guimarães, 2017; Henriques, 2021; Serra, 2023; Varela, 2023).

Com base em Monteiro (2010), considera-se que a escrita, capaz de transformar a fala em algo visível, é, em qualquer formato, complexa e exige habilidades específicas, o que justifica as dificuldades surgidas na aprendizagem de suas convenções (Monteiro, 2010). O ato de escrever engloba desde a habilidade de mobilizar fonemas para gerar grafemas a habilidades motoras e ortográficas envolvidas até na aparentemente simples ação de assinar o nome (Soares, 2012). Não por acaso, Vygotsky (1984 *apud* Rego, 1995) indica ser a escrita uma função psicológica superior, isto é, um processo mental humano não inato, sofisticado, que envolve ações conscientemente controladas e que é aprimorado no decorrer da internalização de formas culturais de comportamento.

No que se refere ao impacto das tecnologias digitais, estudos brasileiros e portugueses indicam que as novas formas de leitura e escrita têm reduzido o contato com a escrita manual e seus suportes tradicionais, favorecendo o uso de dispositivos digitais e reforçando a predominância da letra imprensa, mais frequente nas mídias e no cotidiano (Almeida; Silva, 2017; Guimarães; Silva, 2016; 2017; Henriques, 2021;

Sousa Filho; Silva, 2020). Esse cenário contribui para a desvalorização da letra cursiva, o desinteresse por seu ensino e o questionamento de sua viabilidade na escola, diante de novas demandas que associam a digitação a maior eficiência (Brito, 2013; Camini, 2010). A esse respeito, Soares (2015) acredita que ainda que existam horizontes que ultrapassem o manuscrito, ele não será abandonado. Ao olhar para a escrita manual e para a escrita digital, compreende-se que “[...] cada uma dessas tecnologias tem determinados efeitos sociais, cognitivos e discursivos [...]” (Soares, 2002, p. 143) e, ao coexistirem, ilustram a ideia de haver diferentes letramentos, ou seja, diferentes formas de utilização da escrita na vida social.

Apesar disso, observa-se, especialmente no Brasil, a ausência de consenso entre professores quanto à necessidade da letra cursiva no currículo, marcada por dúvidas sobre por que, como e quando ensiná-la (Brito, 2013; Cargnin; Silva, 2020; Pires, 2021; Schwabe; Lottermann, 2021). Soma-se a isso a fragilidade dos conhecimentos teóricos e práticos docentes, a dificuldade de romper com concepções enraizadas sobre alfabetização, o suporte limitado das produções acadêmicas e dos livros didáticos e a restrição do tempo escolar, fatores que resultam em práticas pouco diversificadas e atrativas (Camini, 2010; Brito, 2013; Rosa, 2023; Schwabe; Lottermann, 2021). Em Portugal, também são mencionadas inquietações docentes quanto às práticas pedagógicas, ao desconhecimento de métodos específicos e à insuficiente exploração de pré-requisitos da escrita, em função das exigências curriculares e da carga horária (Chambel, 2021; Henriques, 2021; Santos, 2014). Guimarães (2017) aponta contradições entre as práticas docentes, os manuais didáticos e as expectativas sociais. Tais descompassos precisam receber atenção quando se reconhece que o trabalho do docente alfabetizador implica o entendimento de todas as facetas (psicológicas e sociolinguísticas) e condicionantes (sociais, culturais, políticos e ideológicos) da alfabetização e do letramento (Soares, 2012), sabendo incorporá-las ao planejamento de propostas pedagógicas.

Por meio da leitura das 18 pesquisas, infere-se que, no contexto português, há maior ênfase nas dificuldades dos alunos na aprendizagem da letra cursiva, enquanto, no contexto brasileiro, destacam-se, sobretudo, as tensões entre a escrita manual e as tecnologias digitais e as incertezas docentes quanto à relevância de seu ensino. Em Portugal, por sua vez, o reconhecimento da letra cursiva no currículo escolar apresenta-se de forma mais consensual.

Se, por um lado, são identificadas as dificuldades, por outro, tem-se a importância do ensino e da aprendizagem da letra cursiva. Pesquisas brasileiras (Cargnin; Silva, 2020; Schwabe; Lottermann, 2021; Silveira, 2019) destacam a eficiência, rapidez e a contribuição da letra cursiva para o desenvolvimento da coordenação motora, além de seus traços contínuos favorecerem a visualização da unidade da palavra e a estruturação textual (Brito, 2013). Em similar direção, pesquisas portuguesas (Guimarães, 2017; Henriques, 2021; Varela, 2023) ressaltam a fluidez e a elegância e mencionam o desenvolvimento da motricidade fina, a motivação para a literacia e a melhoria da qualidade textual, uma vez que o ritmo do traçado acompanha o fluxo do pensamento.

Apoiando-se em estudos da neurociência, pesquisas de ambos os países evidenciam a ligação entre a escrita manual e o estímulo à atividade cerebral. Esses estudos indicam que a letra cursiva favorece habilidades cognitivas superiores à escrita digital, como memória, concentração e organização, além de contribuir para outras aprendizagens escolares (Guimarães; Silva, 2016; 2017; Henriques, 2021; Schwabe; Lottermann, 2021; Varela, 2023).

Autores brasileiros ressaltam que a letra cursiva integra a escrita escolar, configurando-se como marca de uma tradição que se mantém apesar das mudanças curriculares e de perspectivas (Silveira, 2019). Argumento semelhante aparece em estudos portugueses, que a reconhecem como parte do processo educativo (Chambel; Catela, 2020). Isso, por seu turno, vai ao encontro da ideia de que há tendências que são superadas com o tempo e outras que permanecem como parte do repertório escolar (Monteiro, 2010).

É chamada a atenção ainda para o fato de que a escrita cursiva é única e permite a expressão da identidade e da individualidade de cada sujeito (Serra, 2023; Varela, 2023). Trabalhos portugueses colocam que a criança tem o direito de ter sua própria expressão escrita não apenas pelo conteúdo que escreve, mas também pela forma como traça as letras (Henriques, 2021). Como reforço, em trabalhos do Brasil, a cursiva é considerada mais personalizada e uma maneira artística de expressão pessoal, adquirida no decorrer da alfabetização e estilizada conforme a criatividade e as preferências individuais (Guimarães; Silva, 2016; 2017; Schwabe; Lottermann, 2021). Aqui, faz-se apenas a ressalva em relação ao aconselhado por Soares (2015) de que, na sala de aula, deve-se ter o cuidado para que a grafia da criança seja legível,

pois “[...] se a escrita é uma forma de comunicação, ela tem de possibilitar que o outro consiga ler o que é comunicado” (Soares, 2015, p. 10).

Como contraste, observa-se que, em Portugal, a importância da cursiva aparece, por vezes, associada à caligrafia, sendo os termos utilizados como sinônimos em alguns momentos, o que não se verifica nos estudos brasileiros (Varela, 2023). Além disso, apenas as pesquisas brasileiras enfatizam que, mesmo menos frequente, a letra cursiva permanece em práticas sociais cotidianas, de modo que não aprendê-la pode limitar a participação do sujeito em situações de leitura e escrita do dia a dia (Cargnin; Silva, 2020; Schwabe; Lottermann, 2021). Esse ponto dialoga com Vygotsky, para quem o aprendizado da escrita possibilita um outro tipo de acesso ao patrimônio acumulado pela humanidade e uma nova forma de comunicação com o mundo (Rego, 1995).

4 Estratégias metodológicas utilizadas para o ensino e a aprendizagem da letra cursiva

No que se refere ao terceiro eixo de análise, estratégias metodológicas para o ensino e a aprendizagem da letra cursiva, em estudos brasileiros, são descritas atividades como ligar letras, sílabas e palavras, transcrever da letra de imprensa para a letra cursiva, seguir pontilhados direcionais, priorizar a escrita do nome e utilizar músicas ou quadrinhas para memorização do traçado (Brito, 2013; Camini, 2010; Rosa, 2023; Silveira, 2019). Em Portugal, a caligrafia é tratada como conteúdo a ser ensinado explicitamente, por vezes, por meio de práticas tradicionais e expositivas (Guimarães, 2017; Varela, 2023). Interpreta-se, contudo, que essa tendência requer cautela, pois uma aprendizagem da escrita em moldes reducionistas de exercitação massiva torna o indivíduo apenas um replicador de sinais gráficos. Monteiro (2010, p. 59) alerta, então, que sua definição como linguagem corre riscos e “[...] configura-se de modo mecânico. O aluno consegue grafar letras e palavras, mas não realiza escritas que lhe possibilitam a comunicação de ideias, opiniões, críticas e interpretações”. É importante atentar para que não se fragilize o “alfabetizar letrando”, (Soares, 1998). Na definição de Soares (1998), um indivíduo letrado não é apenas aquele que lê e escreve (alfabetizado), mas sim “[...] aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita” (Soares, 1998, p. 40).

Retomando as pesquisas analisadas, antes do treino sistemático da escrita, destacam-se os chamados exercícios de pré-escrita, isto é, um conjunto de atividades que auxiliam a criança a desenvolver força muscular, flexibilidade e agilidade na mão (Camini, 2010). Santos (2014) ressalta que o grafismo não se constrói apenas pela repetição de traços, mas por propostas lúdicas que favorecem a lateralidade, discriminação auditiva e visual, organização espaço-temporal e o uso adequado dos instrumentos de escrita. Assim, para além de traçados, como bolinhas, arcos, ondas e espirais (Camini, 2010; Varela, 2023), enfatiza-se o trabalho psicomotor, da coordenação ampla à coordenação fina, a ser iniciado ainda na Educação Infantil, no caso do Brasil, ou no pré-escolar, no caso de Portugal, bem como o contato precoce com materiais escritos. Para Ferreiro e Teberosky (1985), a criança pode ser uma produtora de textos desde a tenra idade, se dispõe de materiais de escrita para manipular e é estimulada a registrar.

Conforme os estudos de Luria (2006 *apud* Monteiro, 2010), um dos principais colaboradores de Vygotsky, o desenvolvimento da escrita pela criança não é iniciado apenas quando essa entra em contato com lápis e caderno na escola. Para Vygotsky (1991), a escrita pode ser introduzida em idades precoces, para além do ensino sistemático. Em consonância a essa perspectiva, nas pesquisas, são sugeridas desde brincadeiras em espaço livre, como pular corda, vai-vem, bilboquê, ioiô, cinco marias, bolinha de gude (Schwabe; Lottermann, 2021). Também são sugeridas atividades como caminhar sobre diferentes traçados no chão que simulam movimentos da escrita, modelagem com massinha ou argila, recorte e pintura (Camini, 2010; Henriques, 2021). São citados desafios intermanuais, incentivando o uso das duas mãos, bem como a integração da coordenação motora em atividades cotidianas, como abotoar roupas ou escovar os dentes. Também há menção à exposição do alfabeto, alfabetos móveis, jogos, transformação de letras em desenhos e narrativas que envolvem o traçado das letras (Cargnin; Silva, 2020; Chambel; Catela, 2020).

Para Vygotsky (1991), a escrita não deve ser vista meramente “[...] como hábito de mão e dedos [...]” (Vygotsky, 1991, p. 133). Por isso advém a importância de aparecer nas pesquisas, junto às atividades mais preparatórias, a orientação de que os rabiscos espontâneos das crianças sejam incentivados (Camini, 2010). É fundamental que os alunos possam escrever e refletir constantemente sobre a escrita (Schwabe; Lottermann, 2021) para que se familiarizem com essa linguagem.

Alguns estudos de ambos os países ressaltam que o ensino da letra cursiva deve ser contextualizado, com intencionalidade pedagógica e participação ativa das crianças, em situações reais e funcionais, envolvendo palavras significativas, temas de interesse, diferentes gêneros textuais, produções coletivas e discussões sobre o uso social dos tipos de letra (Cargnin; Silva, 2020; Guimarães, 2017; Varela, 2023). Alexei Leontiev, colaborador de Vygotsky, coloca que as experiências oferecidas quanto à escrita devem ser conectadas à vida concreta (Leontiev, 1978), para que o sentido estruturado sobre ela pela criança seja menos dependente “[...] dos conceitos verbalizados e mais dos conceitos partilhados socialmente” (Mello, 2010, p. 332-333). Uma apresentação contextualizada da escrita cursiva também favorece que apareça,

No lugar de uma criança que recebe pouco a pouco uma linguagem inteiramente fabricada por outros, [...] uma criança que reconstrói por si mesma a linguagem, tomando seletivamente a informação que lhe provê o meio (Ferreiro; Teberosky, 1985, p. 22).

Outro aspecto recorrente nas produções analisadas é o papel central do professor, considerado um elemento-chave no acompanhamento, avaliação, *feedback* e adaptação das propostas às capacidades e interesses da turma (Chambel; Catela, 2020; Henriques, 2021; Varela, 2023). As produções destacam correções orientadoras do traçado, ampliação do tempo dedicado à letra cursiva, apoio direto ao aluno, incentivo por meio de elogios e a articulação com famílias e outros profissionais, além da incorporação de conhecimentos da neurociência para embasar escolhas metodológicas (Guimarães, 2017; Silveira, 2019). Ferreiro e Teberosky (1985) auxiliam no entendimento de que o método pode facilitar ou dificultar, mas não criar a aprendizagem da escrita propriamente, visto que ela resulta da atividade da criança. Ao vivenciar experiências adequadas e desafiadoras com a escrita e suas representações, a criança é impulsionada não apenas a imitar modelos, mas também a transformar suas compreensões iniciais na busca por decifrar o sentido da escrita.

Por fim, a relação entre escrita cursiva e escrita digital também aparece nas pesquisas analisadas. Em ambos os contextos, os estudos indicam que não há substituição de uma pela outra, mas formas de coexistência entre as duas práticas. As pesquisas ainda destacam propostas interdisciplinares e o uso de recursos tecnológicos como apoio ao ensino da letra cursiva (Almeida; Silva, 2017; Brito, 2013; Guimarães; Silva, 2016; 2017; Sousa Filho; Silva, 2020).

Quanto às divergências, nota-se que o debate sobre apresentar o traçado da letra cursiva concomitantemente ou não aos outros tipos de letra integra apenas os trabalhos do Brasil, que variam entre a recomendação de adiamento, a introdução desde o início da alfabetização ou a liberdade de escolha do aluno (Rosa, 2023; Schwabe; Lottermann, 2021; Silveira, 2019, 2022). Para essa dúvida, Soares (2015) recomenda que, no início da alfabetização, quando o sujeito ainda está se familiarizando com a relação fonema-grafema, é fundamental valer-se das letras em imprensa maiúscula, “[...] porque elas são mais fáceis para a criança traçar. E elas são independentes uma da outra: a criança vê cada letra, o que não acontece na cursiva [...]” (Soares, 2015, p. 8). Essa visão também é disseminada apoiando-se na obra de Ferreiro e Teberosky (1985).

Particularmente, nos trabalhos de Portugal, há uma preocupação com certos detalhes, como o uso de cadernos pautados, a rotação do papel, a postura corporal, a forma de segurar o lápis e a interação entre instrumento, superfície e sujeito que escreve (Catela *et al.*, 2019; Henriques, 2021; Varela, 2023). Em síntese, a interação entre instrumento de escrita, superfície da escrita e indivíduo que escreve ganha ênfase nos trabalhos. Soma-se a isso o uso de metáforas sobre a constituição das letras pelo docente (“pernas”, “barrigas”, “braços”, etc.) para torná-las mais acessíveis às crianças (Serra, 2023).

No mais, as pesquisas portuguesas também apresentam programas de intervenção voltados a crianças com dificuldades na escrita cursiva. Nesses trabalhos, há descrições das etapas desenvolvidas e do tempo de duração das atividades. Os estudos ainda recorrem a análises quantitativas, com gráficos e cálculos para a apresentação dos resultados (Chambel; Catela, 2020).

5 Considerações finais

Este artigo buscou analisar o ensino e a aprendizagem da letra cursiva em pesquisas brasileiras e portuguesas, evidenciando os distanciamentos e as aproximações relacionados à sua importância, às dificuldades e às estratégias metodológicas no processo de alfabetização. Para isso, foram analisadas pesquisas produzidas nos dois países sobre essa temática.

Os resultados obtidos a partir do levantamento bibliográfico possibilitaram delinear um panorama geral acerca de como a letra cursiva está presente e é

abordada em algumas produções acadêmicas do Brasil e de Portugal. Foi revelado um número reduzido de pesquisas em ambos os contextos, contudo, o conjunto das 18 produções selecionadas para análise configurou-se como uma amostra consistente, trazendo diversos elementos para a discussão tanto em termos das características gerais predominantes quanto dos conteúdos de seus textos. Além disso, o fato de estarem todas inseridas em um recorte temporal recente reforçou a atualidade do tema. Compreende-se que as pesquisas do Brasil podem subsidiar metodologias de pesquisa, possibilidades de referenciais teóricos e pontos sobre a letra cursiva a serem melhor explorados em Portugal e vice-versa.

Ao centrar-se nos três eixos de análise definidos, observou-se que, embora apresentem variações quanto à ênfase dada a cada um deles — em alguns casos prevalecem as dificuldades, em outros a importância e/ou as estratégias — as pesquisas do Brasil e de Portugal dialogam entre si e mostram-se complementares. A complexidade da letra cursiva na alfabetização e a sinalização quanto à necessária ampliação de estudos que a aprofundem estão presentes na maioria delas.

Compreende-se que o artigo pode auxiliar os profissionais da educação a refletirem sobre a letra cursiva, defendendo uma visão de escrita como linguagem e prática social, cujo ensino deve ser intencional e ter significado para a criança, sendo essa um sujeito ativo de sua aprendizagem. Ao mesmo tempo, são reconhecidos os limites da pesquisa apresentada, dada a delimitação de apenas algumas bases de dados para o levantamento bibliográfico, bem como a definição de três eixos de análise. Portanto, é importante que novos estudos sejam feitos para enriquecer o tema sob diferentes enfoques. Como sugestão, pesquisas futuras podem dedicar-se a uma análise comparativa dos documentos curriculares que orientam as práticas alfabetizadoras em cada um dos países e como mencionam os tipos de letras a serem ensinados.

Conclui-se que a construção de parcerias e o desenvolvimento de pesquisas conjuntas podem favorecer o intercâmbio entre pesquisadores e professores do Brasil e de Portugal. Esse movimento contribui para ampliar o repertório teórico e prático dos profissionais da educação. Além da escrita cursiva, tais trocas podem fortalecer debates e práticas relacionadas a outros aspectos da alfabetização.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, T.; SILVA, A. C. Estabilidade gráfica das produções escritas e conceptualizações infantis sobre a linguagem escrita: escrita cursiva e escrita a computador. **Análise Psicológica**, v. 35, n. 4, p. 439–451, dez. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/entities/publication/9eb9d97e-8e81-47d0-8a99-f8ed8a95520b>. Acesso em: 13 jun. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 15 jan. 2025.
- BRITO, A. A. **Reflexões acerca do ensino da letra cursiva em uma escola pública de Porto Alegre**. 2013. 18 f. Artigo (Especialização em Alfabetização e Letramento nos Anos Iniciais da Escolarização) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/107933>. Acesso em: 7 mai. 2025.
- CAMINI, P. **Das ortopedias (cali)gráficas: um estudo sobre modos de disciplinamento e normalização da escrita**. 2010. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/27052>. Acesso em: 7 mai. 2025.
- CARGNIN, V. R. T.; SILVA, V. C. da. Processos de ensino e aprendizagem (ou não) da letra cursiva no contexto escolar. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, v. 13, n. 2, p. 33–45, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/react/article/view/4382>. Acesso em: 7 mai. 2025.
- CATELA, D.; BRANCO, M.; SEABRA, A. P.; GOMES, G.; FERREIRA, D. Efeito de constrangimentos espaciais na escrita cursiva de crianças sinistrómanas do 1.º ciclo. **Revista da UI_IP Santarém**, v. 7, n. 2, p. 72–75, 2019. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/uiips/article/view/19285>. Acesso em: 13 jun. 2025.
- CHAMBEL, A.; CATELA, D. Problemas na escrita cursiva no 1º ciclo do ensino básico: efeito de um plano de estimulação perceptivo-motora. **Revista da UI_IP Santarém**, v. 8, n. 2, p. 111–128, 2020. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/uiips/article/view/20670>. Acesso em: 13 jun. 2025.
- COMO escrita à mão beneficia o cérebro e ganha nova chance em escolas. **BBC News**, 29 jan. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c88n5klj0peo>. Acesso em: 1 fev. 2024.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUIMARÃES, M. A. **Abordagem à escrita no pré-escolar**: recomendações da literatura quanto à letra cursiva e imprensa. 2017. 17 f. Relatório Final (Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico) – Faculdade de Educação, Escola Superior de Educação de Fafe, Fafe, 2017. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/entities/publication/3af41f59-9d89-439b-919e-fdc0d568cef1>. Acesso em: 13 jun. 2025.

GUIMARÃES, J. O.; SILVA, S. A. Design e educação: uma estratégia interdisciplinar para a escrita manual cursiva na era dos nativos digitais. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 12., 2016, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Blucher Design Proceedings. Belo Horizonte: Blucher, 2016. v. 9, p. 2785–2794. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/24474>. Acesso em: 7 maio 2025.

GUIMARÃES, J. O.; SILVA, S. A. Design e educação: uma estratégia para a escrita manual cursiva na era dos nativos digitais. **Projetica**, Londrina, v. 8, n. 1, p. 45–58, 2017. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/24917>. Acesso em: 7 maio 2025.

HENRIQUES, M. L. **A escrita cursiva itálica no ensino/aprendizagem de português no 1º ciclo do ensino básico**. 2021. 307 f. Dissertação (Mestrado em Design de Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10400.5/22809>. Acesso em: 13 jun. 2025.

JAMES, K. H.; ENGELHARDT, L. The effects of handwriting experience on functional brain development in pre-literate children. **Trends in Neuroscience and Education**, v. 1, n. 1, p. 32-42, 2012. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S2211949312000038?via%3DiHub>. Acesso em: 01 ago. 2025.

LEONTIEV, A. N. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

MELLO, S. A. Ensinar e aprender a linguagem escrita na perspectiva histórico-cultural. **Psicologia Política**, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 329–343, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X201000200011. Acesso em: 29 nov. 2023.

MONTEIRO, M. I. **Alfabetização e letramento na fase inicial da escolarização**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

OLIVEIRA, J. P. de (org.). **Alfabetização em países de língua portuguesa: pesquisa e intervenção**. Curitiba: Editora CRV, 2014.

PAIVA, J. M. de. Educação jesuítica no Brasil colonial. *In*: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M. de; VEIGA, C. G. **500 anos de educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PORTUGAL. Direção-Geral da Educação. **Aprendizagens essenciais**: português – 1º ciclo do ensino básico. Lisboa, 2018. Disponível em: <https://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-basico>. Acesso em: 16 jan. 2025.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

ROSA, A. P. da. **O uso de diferentes modelos de letras manuscritas em atividades de alfabetização**. 2023. 221 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/10822>. Acesso em: 3 mai. 2025.

SANTOS, J. F. L. F. **O contributo do domínio psicomotor para as aprendizagens iniciais da leitura e escrita**. 2014. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Faculdade de Educação e Psicologia, Universidade Católica Portuguesa, Viseu, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/entities/publication/10d0feaa-7807-48d0-a7b3-1b64508a2c2a>. Acesso em: 13 jun. 2025.

SCHWABE, C. R.; LOTTERMANN, A. BNCC e escrita cursiva. **Revista Thema**, Pelotas, v. 19, n. 3, p. 731–742, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/2319>. Acesso em: 7 mai. 2025.

SERRA, C. I. T. **Escrita à mão aplicada em livros infantis**: legibilidade e leiturabilidade. 2023. 169 f. Dissertação (Mestrado em Design de Comunicação para o Turismo e Cultura) – Escola Superior de Educação e Comunicação, Universidade do Algarve, 2023. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/entities/publication/cdb73b0d-bccd-4413-bebf-7c2e09f9f0d>. Acesso em: 13 jun. 2025.

SILVEIRA, A. A. da. Uma tipologia das letras usadas na fase inicial da escolarização no Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 22, n. 1, p. 1–26, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/fwm4ZrwQvVmYVrvQrf69Bbk/>. Acesso em: 3 jun. 2025.

SILVEIRA, A. A. da. **Uma tipologia das letras usadas na fase inicial da escolarização no Rio Grande do Sul**. 2019. 252 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/14569>. Acesso em: 3 maio 2025.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, M. Magda Soares responde. **Jornal Letra A**: o jornal do alfabetizador. Belo Horizonte: Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, ano 11, n. 44, nov./dez. 2015, p. 7-11. Disponível em: <https://ceale.fae.ufmg.br/storage/2025/01/Jornal-Letra-A-44-novembro-dezembro-de-2015.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2026.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143–160, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzsXb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 5 fev. 2025.

SOUSA FILHO, S. M. de; SILVA, P. H. da. Novos modos de escrita. **Revista Leia Escola**, Campina Grande, v. 20, n. 2, p. 370–385, 2020. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/leia/article/view/3438>. Acesso em: 7 maio 2025.

VARELA, C. C. **Práticas pedagógicas e dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita**. 2023. 67 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Faculdade de Psicologia, ISPA – Instituto Universitário, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/entities/publication/d9fee0ab-9461-4598-8a00-99c52f124cdc>. Acesso em: 13 jun. 2025.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Recebido em dezembro 2025 | Aprovado em março 2026

MINI BIOGRAFIA

Alice Jorge da Cruz

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos. Membro do grupo de pesquisa Políticas e Práticas de Leitura e Escrita (PPLE). E-mail: alicejorgecruz@estudante.ufscar.br

Maria Iolanda Monteiro

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Professora Titular da Universidade Federal de São Carlos, atuando no curso de Licenciatura em Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Líder do grupo de pesquisa Políticas e Práticas de Leitura e Escrita (PPLE). E-mail: mimonteiro@ufscar.br